

A SUPERAÇÃO DO MODELO BIOMÉDICO PELA PSICOLOGIA NO CAMPO DAS PSICOPATOLOGIAS

OLIVEIRA, Isabela Carolina¹. PADULA, Yuri Bruniera²

RESUMO

O presente trabalho propõe uma discussão teórica acerca da psicologia como ciência frente ao modelo biomédico, bem como a compreensão/classificação das psicopatologias, e as dificuldades encontradas no exercício da psicologia para superação desse modelo.

Palavras- chave: Modelo biomédico. Psicologia. Psicopatologias.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma discussão teórica acerca da psicologia como ciência frente ao modelo biomédico. Bem como a compreensão/classificação das psicopatologias, e as dificuldades encontradas no exercício da psicologia para superação desse modelo, uma referência individualista e bioquímica, que norteia não somente o exercício da medicina para o diagnóstico de doenças, mas atravessa diretamente a psicologia. Isto é nítido e evidenciado através de um breve exemplo na experiência do estágio clínico: pacientes solicitando um diagnóstico e cura, para ansiedade, ou até mesmo um conflito familiar.

OBJETIVO

Promover uma discussão sobre a superação do modelo biomédico bem como a concepção das psicopatologias; historicizar a classificação das mesmas e a constituição da psicologia como ciência para compreender as dificuldades que envolvem a superação do paradigma biomédico.

MÉTODO

¹ Isabela Carolina de Oliveira. Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP.

Apucarana – Pr. 2022. Contato: Isabelacoliveira@outlook.com.br

² Yuri Bruniera Padula. Orientador da pesquisa. Apucarana – Pr. 2022. Contato: yuri.bruniera@gmail.com

Pesquisa de caráter exploratório de natureza qualitativa, utilizando-se de uma revisão bibliográfica, google acadêmico e scielo, com as palavras chaves: “modelo biomédico, “psicopatologia”, “psicologia”, filtrando os resultados para priorizar trabalhos de até 10 anos.

DESENVOLVIMENTO

As doenças de origem psíquica como atualmente conhecemos, nem sempre foram esclarecidas e conceituadas, e eram demarcadas por grande “misticismo”.

Conforme Mendonça (2005), os primeiros registros das noções de doenças mentais podem ser notados nos períodos entre 1850 e 1750 a.c na mesopotâmia. Tanto para os hebreus, persas, e vedas a origem da doença mental era de caráter demoníaco, sempre atribuindo seus aspectos a esses fenômenos, e sua cura era obtida através de um tratamento mágico-religioso.

Assim como as doenças, a psicologia possui um longo passado, mas uma história curta. Foram séculos de reflexão sobre a vida mental humana, como ressalta Rose (2008).

O século XX marcou significativamente a psicologia como ciência constituída, bem como as concepções de normalidade e anormalidade. (ROSE, 2008).

A psicologia como uma ciência moderna não foi formada nos corredores tranquilos da academia, nem no empirismo dos aventais brancos do laboratório e do experimento. Na verdade, a psicologia começou a se formar em todos aqueles locais práticos que tomaram forma durante o século XIX, no qual problemas de conduta coletiva e individual humanas eram de responsabilidade das autoridades que procuravam controlá-las – nas fábricas, na prisão, no exército, na sala de aula, no tribunal. (ROSE, 2008).

Não há como discorrer sobre psicologia e psicopatologias sem falar da medicina. Uma área de capital importância para a sociedade, oferecendo ainda várias possibilidades de realização material, intelectual e emocional. (MARTINS, ANTONIO E FANTINI, 1998).

A medicina dos últimos tempos vem sofrendo avanços muito importantes, os profissionais nela inseridos protagonizam este feito. Estando tecnicamente cada vez mais preparados e ágeis no que se tange as doenças bem como o seu diagnóstico. (DE MARCO, 2003). Em contrapartida A medicina ocidental moderna desenvolveu-se mudando uma cosmologia voltada para a pessoa

humana para uma cosmologia voltada para o objeto. Este desenvolvimento implicou em perda de uma visão unificadora do paciente, e deste com o seu meio ambiente físico e social. (QUEIROZ, 1986).

O modelo biomédico observa o homem ser compreendido como uma máquina, um conceito enraizado em sua formação profissional de que saúde significa ausência de doença e, foca-se na especialização e fragmentação, a qual gera a perda da visão holística do sujeito em suas áreas sociais e psicológicas. O indivíduo perde sua significação, mas o objetivo é a doença e a cura, na diagnose individual e no tratamento (CUTOLO, 2006).

De marco (2003) expõe que a influência do paradigma cartesiano sobre o pensamento médico foi um fator determinante para a construção do modelo biomédico, e esse paradigma implicava na separação absoluta entre os fenômenos da natureza e do espírito o que ocasionou uma grande separação entre a mente e o corpo. (DE MARCO, 2003). Como resposta a um modelo de medicina quase que exclusivamente orientado na direção do reducionismo biológico eis que surge a medicina psicossomática. (DE MARCO, 2003).

Campbell (1986) apud Dalgalarrrondo (2018) define a psicopatologia como o ramo da ciência que trata da natureza essencial da doença ou transtorno mental, bem como as suas causas, aquelas mudanças estruturais e também funcionais associadas a ela e a maneira que se manifestam.

Os limites da psicopatologia consistem em nunca ser possível reduzir por completo o ser humano a conceitos psicopatológicos. DALGALARRONDO (2018).

Todas essas maneiras de nomenclatura e de orientação são provenientes de uma forma ímpar de ciência: que denominaremos aqui de modelo biomédico, este e a psicologia são dois opostos. Para a psicologia desejamos a humanização, que se compara talvez em termos de grandeza com a água potável para o planeta. (MARCO, 2003).

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1948 utiliza o conceito de saúde retratado como: “estado de completo bem-estar físico, mental e social, não meramente a ausência de doença ou enfermidade” (GUEDES, 2017).

O objetivo desse conceito veio para ampliar o modelo até então biomédico que tinha por finalidade a ausência de doença. Esse termo saúde perfeita apontado pela OMS reflete um estado de completo bem-estar, porém, é impossível alcançar um estado de completa ausência de tensão, a não ser na morte. (GUEDES, 2017).

E ao contrário desse conceito, a civilização vem demandando cada vez mais que os indivíduos renunciem à satisfação de seus impulsos e ofertando cada vez menos, o suporte necessário para fortalecer o seu biopsicossocial (BETTS, 2003 apud GUEDES, 2017).

O modelo biomédico, em termos históricos representou sim uma evolução da maneira com que as doenças eram tratadas e vistas. Entretanto, essa discussão se torna cada vez mais necessária no campo da psicologia e das psicopatologias, afinal, onde entra o sujeito? até que ponto o modelo biomédico contempla e valida a subjetividade humana presente em uma ciência como a psicologia?

CONCLUSÃO

A psicologia enquanto ciência nunca para de evoluir. A partir dos estudos realizados e experiências práticas, pude observar que o modelo biomédico ainda é muito limitado, e isso escorre diretamente na psicologia.

Para compreender os processos psicopatológicos é necessário levar em conta também a subjetividade e valores do qual o sujeito está contextualizado. Dada a complexidade do diagnóstico como instrumento norteador e de intervenção, penso que o mesmo, seria uma consequência de um processo humanizado. Estes dois conceitos, para mim, se reúnem em uma só ciência, não há psicologia sem a subjetividade, logo, no campo das psicopatologias também se aplica.

De acordo com o médico filósofo Karl Jaspers e citado por Guedes (2017) é necessário que a medicina resgate os fundamentos subjetivos do relacionamento entre médico e paciente, desaprendidos desde a antiguidade. Deixando-se levar por uma estrada que visa apenas à instrumentação técnica e a objetividade dos dados.

Já dizia Carl Jung: Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana. Não caberia aqui outra frase para concluir este trabalho. Ela representa como, e o que faz a psicologia.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Denise F.; LEMOS, Pedro Carlos Piantino. A medicina na Grécia antiga. **Revista de Medicina**, v. 86, n. 2, p. 117-119, 2007.
- CAIRUS, Henrique. Da natureza do homem Corpus hippocraticum. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v. 6, p. 395-430, 1999.
- CUTOLO, Luiz Roberto Agea. Modelo Biomédico, reforma sanitária e a educação pediátrica. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 35, n. 4, p. 16-24, 2006.
- DA SILVA, Leonardo Tadeu Lima. Origens da psicossomática e suas conexões com a Medicina na Grécia antiga. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 5, n. 8, p. 49-79, 2016.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Artmed Editora, 2018.
- DE MARCO, Mario Alfredo. **A face humana da medicina: do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial**. Casa do Psicólogo, 2003.
- DE MENDONÇA, JOSÉ LORENZATO. Breve história da psicossomática: da pré-história à era romântica. **Rev Med Minas Gerais**, v. 15, n. 2, p. 119-25, 2005.
- GOMES DE MATOS, Evandro; GOMES DE MATOS, Thania Mello; GOMES DE MATOS, Gustavo Mello. A importância e as limitações do uso do DSM-IV na prática clínica. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 27, p. 312-318, 2005.
- GUEDES, V. Humanização e a importância nas instituições de saúde. Disponível em: <https://spsicologos.com/2017/05/12/humanizacao-e-a-importancia-nas-instituicoes-de-saude/#:~:text=O%20objetivo%20desse%20conceito%20veio.Acesso em: 31 ago. 2022>
- MORAES, Fernanda Cesa Ferreira da Silva; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. A noção de psicopatologia: desdobramentos em um campo de heterogeneidades. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 21, p. 83-93, 2018.
- NOGUEIRA-MARTINS, Luiz Antonio; NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini. O exercício atual da medicina e a relação médico-paciente. **Rev Bras Clin Terap**, v. 24, n. 2, p. 59-64, 1998.
- QUEIROZ, Marcos de Souza. O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna: uma perspectiva antropológica. **Revista de saúde pública**, v. 20, p. 309-317, 1986.
- ROSE, Nikolas. Psicologia como uma ciência social. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, p. 155-164, 2008.
- SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da psicologia moderna**. 1981.